

## *A cidade das mulheres feministas: uma cartografia de Goiânia (GO)*

*The city of women feminist: a cartography of Goiânia (GO)*

*La ciudad de las mujeres feministas: una cartografía de Goiânia (GO)*

Talita Cabral Machado

Secretaria Municipal de Planejamento Urbano de Goiânia

talita.geo@gmail.com

---

### **Resumo**

Este estudo trata das apropriações do espaço urbano de Goiânia (GO), realizadas pelas mulheres que participam ou participaram de grupos dos movimentos feministas locais. Objetivo é compreender diferentes processos de apropriação, produção e qualificação do espaço da cidade realizados por militantes. A metodologia adotada utiliza-se das narrativas de lideranças feministas, por meio de entrevistas semiestruturadas e de técnicas de mapeamento. Os pressupostos teóricos são baseados em leituras sobre as questões de gênero no espaço urbano. As ações feministas nos lugares acontecem a partir da vivência entre as mulheres, onde elas se constroem como feministas e constroem, ao mesmo tempo, os feminismos. Em meio a uma série de limitações, em uma relação com e entre os lugares da cidade, as mulheres os criam e recriam. Através do mapeamento dos locais presentes nas narrativas, há a constituição de um mosaico de representações espaciais. Por fim, é possível entender, por meio de suas ações coletivas, que as mulheres intervêm de diferentes formas no processo de construção do urbano.

**Palavras-chave:** mulheres; espaço urbano; movimentos feministas; cartografia.

---

### **Abstract**

This research deals with appropriations of the urban space of Goiânia, GO, by women who take or took part in local feminist groups or movements. The work aims at understanding different processes of appropriation, production and qualification of urban spaces by women militants. The chosen methodology makes use of feminist leadership narratives, by means of semi-structured interviews and mapping techniques. The theoretical assumptions are based on readings about gender in urban space. The feminist activity on these places happens based on their experiences between them, by which they constitute themselves as feminists and, at the same time, shaping various feminisms. Amid a number of limitations, in a relation with and between the spaces of the city, the women create and recreate

them. There is a constitution of a mosaic of spacial representations, achieved by mapping the places noted in the narratives. Lastly, it is possible to understand, by means of their collective actions, that women intervene in various ways on the process of urban framing.

**Keywords:** women; urban space; feminist movements; cartography.

---

### **Resumen**

El estudio trata de la apropiación del espacio urbano en Goiânia (GO), llevadas a cabo por las mujeres que participan o han participado en grupos de movimientos feministas locales. El objetivo es comprender los diferentes procesos de apropiación, producción y calificación del espacio urbano realizados por las militantes. La metodología utiliza las narrativas de líderes feministas, a través de entrevistas semiestructuradas y técnicas de mapeo. Los presupuestos teóricos se basan en enfoques teóricos sobre la cuestión de género en el espacio urbano. Las acciones feministas en estos lugares suceden de experiencias entre las mujeres, donde si construyen como feministas, mientras construyen, al mismo tiempo, los feminismos. En medio de una serie de limitaciones, en relación con los lugares de la ciudad, las mujeres crean y recrean estos lugares de manera activa. Mediante la cartografía de los lugares presentes en las narrativas hay la creación de un mosaico de representaciones espaciales. Por último, es posible comprender, a través de sus acciones colectivas, que las mujeres participan de diferentes maneras en el proceso de construcción de lo urbano.

**Palabras clave:** mujeres; espacio urbano; movimientos feministas; cartografía.

---

## **Introdução**

O artigo é resultado parcial de uma pesquisa de doutorado, concluída em dezembro de 2016 (MACHADO, 2016), sobre cartografias feministas da cidade a partir dos processos de apropriação do espaço urbano de Goiânia (GO) realizados por diferentes mulheres militantes.

Entende-se que as relações das mulheres e dos homens com os lugares são diferenciadas. As diferenças se constroem a partir de um conjunto de ideias específicas e hierarquicamente desiguais estabelecidas às mulheres e aos homens, resultando na opressão das mulheres em diferentes lugares e tempos. Pode-se constatar estas diferenças no espaço urbano, que segundo Bondi (1992), possui em sua distribuição funcional da paisagem uma dominância da perspectiva masculina. Para ela, através de um planejamento funcionalista e racionalista, o espaço urbano acaba por aprisionar as mulheres em certos lugares, acentuando a divisão do trabalho entre os sexos, pois a separação das áreas residenciais, comerciais e indústrias dificultam ou impossibilitam o deslocamento das mulheres na cidade.

Para Rose (1993), em um contexto de aprisionamento, as mulheres lutam e resistem cotidianamente. É quando observados os espaços de lutas e resistências que, para a autora, a visibilidade no espaço pelas mulheres se dá. Este trabalho parte de

mulheres que se afirmam feministas, que participam ou já participaram de grupos dos movimentos feministas em Goiânia e/ou Goiás.

O objetivo é compreender diferentes processos de apropriação, produção e qualificação do espaço urbano de Goiânia realizados por mulheres militantes feministas.

A metodologia adotada utiliza-se das narrativas de lideranças feministas e de técnicas de mapeamento. A primeira consiste na análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com as feministas. A escolha das entrevistadas deu-se após a participação em eventos, manifestações e conversas com as militantes em Goiânia. Elas ajudaram na seleção das mulheres que consideravam muito importantes para a construção e continuação dos movimentos feministas em Goiânia e Goiás.

Foram entrevistadas oito mulheres, sete residiam em Goiânia e uma no município de Trindade (pertencente à região metropolitana de Goiânia) que diariamente se deslocava à capital. Cinco mulheres tinham entre 24-32 anos de idade e três entre 48-53 anos. Considera-se jovem o primeiro grupo de faixa etária, devido às semelhanças de atuação entre as militantes e às distâncias de idade entre elas serem menores que em relação ao segundo grupo, ainda que, para determinados agentes, o período da juventude se estenda entre 15 e 29 anos. Todas as entrevistadas possuem alguma relação com a academia (são professoras, alunas ou ex-alunas da Universidade Federal de Goiás ou Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Cinco mulheres se autodeclararam negras e três brancas. Duas se autodeclararam lésbicas, três bissexuais e três heterossexuais. Os nomes dados para as entrevistadas são fictícios.

A segunda metodologia adotada consiste no mapeamento dos locais importantes para as ações feministas em Goiânia presentes nas falas e nas vivências das militantes entrevistadas, como: sedes de entidade, locais de ocupação, locais de encontros, de manifestações, de lazer militante, locais estratégicos para futuras ocupações etc. O mapa (Figura 1) representa um verdadeiro mosaico de representações espaciais de Goiânia segundo as experiências vividas pelas mulheres.

As abordagens teóricas são baseadas, principalmente, nos trabalhos que enfocam as discussões sobre as questões de gênero no espaço urbano. O artigo se inicia com uma abordagem das relações entre gênero, mulheres e a cidade, compreendendo o urbano como aprisionador, mas também espaço onde as mulheres resistem e constroem novas percepções dos lugares, para isso, é trazida a discussão realizada por Calió (1991) e de outras(os) geógrafas(os) sobre gênero e espaço urbano. Posteriormente, é identificado e discutido onde e como ocorrem as apropriações feministas da cidade de Goiânia realizadas pelas diferentes mulheres entrevistadas e seus grupos.

## **Gênero, Mulheres e Cidade**

Na pesquisa realizada por Ornat (2009) no Portal de Dissertações e Teses Capes e na biblioteca Digital de Teses e Dissertações, coordenado pelo IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), desde o ano de 1987, a partir dos

termos *gay*, gênero, homossexual, lésbica, prostituição, *queer*, sexualidade, transexual, travesti, travestilidade, todos relacionados à geografia, foram encontrados quatorze trabalhos. O primeiro refere-se à tese de doutorado em geografia de Calió (1991) defendida na Universidade de São Paulo sobre “Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista a geografia urbana”.

Na tese, Calió (1991) traz novas percepções do urbano a partir das categorias patriarcado e gênero. A autora diz que para tratar das questões de gênero na cidade, é importante entender a relação entre patriarcado e capitalismo espacialmente realizada na vida urbana, resultando na discriminação social feminina. Para ela, a instituição da família patriarcal, antes mesmo do surgimento do capitalismo, a divisão sexual do trabalho e a separação da casa e do trabalho foram fatores determinantes para a atual situação da mulher no contexto urbano.

Calió (1991) afirma que entender a evolução da sociedade patriarcal, da família e das mudanças ocorridas no trabalho doméstico é essencial para compreender a urbanização moderna. A autora faz uma crítica aos estudos sobre o urbano que negligenciam a esfera do privado, das atividades domésticas. Pois desta forma, eles omitem o papel da família e do patriarcado na cidade. Para ela, ocorre uma “invisibilização” das mulheres na multidão urbana” (CALIÓ, 1991, p. 94, grifos da autora), pois “reconhece-se o papel da mulher no suprimento físico da força de trabalho e mesmo a sua presença no mercado, mas ignora-se o papel da “totalidade do seu trabalho” para a cidade.” (p. 95). A cidade é vista por muitos(as) estudiosos(as) como sendo habitada por seres sem gênero, assexuados, sem raça, sem etnia que vivenciam só as relações sociais de classe entre si.

Toda essa “invisibilidade” das relações de gênero e das mulheres nos estudos urbanos resulta em políticas públicas que não levam em consideração as singularidades e especificidades de suas vidas. A insegurança sentida pelas mulheres ao andarem nas ruas devido à existência de áreas vazias em determinados horários do dia, resultado de uma ocupação que divide as áreas comerciais, residenciais etc., consiste em um dos fatores que limitam seu deslocamento na cidade.

O centro de Goiânia, por exemplo, no período da noite é visto pelas mulheres como um lugar escuro, vazio e perigoso. Apenas bares (frequentados quase exclusivamente por homens) ficam abertos depois das 22 horas. As mulheres que estudam e trabalham à noite neste local, ao voltarem para casa (utilizando carro, moto ou ônibus) sentem-se inseguras e amedrontadas pelo risco, principalmente, de estupro e assalto. A cidade e as ruas à noite “não é para ser das mulheres”, principalmente para aquelas que utilizam o transporte público. Este é um dos fatores que fazem com que muitas mulheres fiquem prisioneira (BONDI, 1992) na cidade, transitando, majoritariamente, apenas entre o seu local de trabalho e a sua casa.

Para Calió, a ausência da relação patriarcado/capitalismo está tanto nos estudos sobre movimentos sociais urbanos como nas políticas públicas urbanas. A não compreensão da cidade-sexista impossibilita aos estudiosos urbanos reconhecer que a

mulher “sofre segregação através da ideologia patriarcal refletida no espaço urbano: divisão do trabalho em doméstico/social e sua consequente repartição mulher/homem, privado/público.” (CALIÓ, 1997, p.05).

Segundo a autora, os usos de conceito como segregação, direito à cidade, revolução urbana nos estudos urbanos utilizam termos de classes sociais e de luta de classes, mas dificilmente incorporam as análises de gênero. Essa exclusão acaba por não reconhecer:

(...) cotidianamente na cidade o lado patriarcal que sustenta os condicionamentos sociais que oprimem as mulheres. Por exemplo, as dificuldades de acesso, veladas ou não, às "oportunidades sociais", as restrições que sofre na sua mobilidade com agressões explícitas ou implícitas, o uso que se faz do seu corpo como objeto de consumo sexual. (CALIÓ, 1997, p. 5-6)

Calíó exemplifica a luta das mulheres que acontece em quase todo mundo contra a violência de que são vítimas, ela busca a ruptura com a cultura da violência a partir dos terrenos espaciais de protesto. Para a autora:

Nesse sentido, o espaço ajuda a criar novas formas de relação de gênero. Por exemplo, as Casas de Apoio à Mulher Vítima de Violência, que estão sendo criadas pelo mundo afora, originam espaços alternativos que além de oferecer reais soluções, envolvem um "simbolismo e um imaginário" que capturam as esperanças das mulheres. (...) o espaço pode ocupar, simbólica e realmente, um papel importante no desenvolvimento da consciência crítica e das formas radicais de luta política. (CALIÓ, 1997, p.7)

A geógrafa afirma que no conteúdo das lutas travadas pelos movimentos organizados de mulheres está presente, de forma indireta, a consciência da segregação espacial que o urbano lhes impõe. As lutas são:

(...) formas de apropriação do espaço traduzidas por uma verdadeira re-leitura indireta do urbano patriarcal. Em todo o mundo mulheres estão tomando consciência dos problemas espaço-temporais impostos pela organização da cidade e ressentidos na sua vida quotidiana, inventando práticas de apropriação e de autogestão do espaço, demonstrando publicamente sua existência. Desse modo, elas politizam o quotidiano das relações entre os sexos, articulam uma série de demandas e as impõem às instâncias políticas. (CALIÓ, 1997, p.7)

A autora afirma que é só feminilizando os conceitos de Planejamento e a prática das Políticas Públicas que será possível dar verdadeira dimensão ao conceito de cidadania e democracia, ou seja, só construindo estratégias que melhorem a vida das

mulheres e que “levem em conta sua especificidade, incorporando-as como grupo prioritário no combate à discriminação.” (CALIÓ, 1997, p.8). Ela justifica a importância dessa feminilização afirmando que:

O papel das mulheres na reprodução da força de trabalho e na família, torna-as presença marcante e quase que obrigatória nas lutas sociais pela melhoria dos serviços urbanos e qualidade de vida. Devido às suas tarefas domésticas e participação na comunidade (sobretudo as mulheres mais pobres), são as mais afetadas pela crise dos serviços urbanos que aumenta, consideravelmente, suas responsabilidades. Isoladas no espaço privado do lar ou à sua extensão pública (o posto de saúde, a farmácia, o hospital, a loja, o supermercado, a feira, o açougue, a padaria, a escola, o parque, etc.), elas travam uma luta incessante contra o relógio, tentando administrar sua vida cotidiana. (1997, p. 7)

As várias lutas das mulheres feministas se dão em busca da conquista de uma nova forma de estar no espaço urbano, tanto doméstico como público. Os espaços de protestos na cidade fazem as mulheres sentirem e refletirem diretamente a opressão e impactam sob a vida delas (CALIÓ, 1997). A luta delas é diária e estrategicamente localizada. Neste sentido, os espaços conquistados para além do doméstico, constituídos como espaços alternativos, ajudam a criar formas de relações de gênero. No entanto, como afirma Sanchez Leyva (1999):

La pretensión feminista de ocupar el espacio público se no va acompañada de una redefinición de los <<lugares>> nunca podrá ser una pretensión emancipadora. Este es el aspecto fundamental y punto de partida que voy a utilizar para intentar justificar por qué opino que hay que terminar con la dicotomización de los espacios pero sin hacer preponderar uno sobre otro sino creando una heterogeneidad en la definición de los lugares. Abogo por un espacio que emane de los cuerpos y de las acciones, espacio del movimiento, los desplazamientos y deseo de irse situando y emanando espacio. Por ello, no me sumo sólo a la ocupación de los espacios seno que creo necesaria la redefinición de los lugares. Sólo pretender despazarse a lo público no implicará nunca una emancipación para las mujeres. (p.49)

A proposta é estudar a questão de gênero no urbano a partir de lugares e espaços de apropriação das mulheres na cidade.

O uso do termo apropriação do espaço urbano realizado pelas feministas é usado a partir da perspectiva trazida por Ribeiro (SILVA e ORNAT, 2015) que, por sua vez, é influenciado pelas discussões sobre território realizado por, entre outros autores, Raffestin (1993), Sack (1986) e Tuan (1980), em que:

(...) o espaço geográfico, extremamente complexo, é vivenciado, apropriado e percebido diferentemente por diversos grupos sociais. São atribuídos a ele diferentes significados, que são variáveis ao longo do dia, da semana ou de outra periodicidade (...). Os grupos que exercem a atividade (mulheres, homens e travestis) se apropriam de determinadas áreas da cidade e estabelecem entre si segmentações provocadas por disputas espaciais e relações de poder. (...) Vivência, apropriação e percepção são, juntos ou não, definidores de espaços específicos. A apropriação, formal (materializada) ou simbólica, de uma porção do espaço define um território, a partir de diferentes agentes, quais sejam: o Estado, uma grande empresa ou instituição ou de grupo sociais específicos, como prostitutas e prostitutas, sujeitos envolvidos nas pesquisas desenvolvidas por nós. Portanto, muitos dos territórios existentes decorrem da substituição e incorporados, tardiamente, à análise dos geógrafos. São territórios particulares, vivenciados, apropriados e percebidos por grupos específicos, muitas vezes superimpostos a outras territorialidades. Sua existência pode ser permanente ou ocorrer em algumas horas do dia, como foi demonstrado nos trabalhos desenvolvidos por nós. (p. 271 e 273, 2005).

O termo apropriação é também trazida por Valentine (1993), em que a habilidade para apropriar e dominar lugares e influenciar o uso do espaço por outros grupos não é apenas produto da heteronormatividade, mas é também de sua força expressa no espaço. Assim, o espaço compõe a realidade heteronormativa mas também pode subvertê-la.

A área central da cidade de Goiânia é vista pelas militantes feministas como estratégica para evidenciar suas identidades entre elas mesmas e aos demais. Ocupar os espaços centrais da cidade de forma coletiva, durante o dia e à noite, para elas, possuem diferentes objetivos. Durante o dia, o objetivo é evidenciar a luta, torná-la mais visível à população e à mídia. Durante a noite, o intuito é mudar a ideia de um centro não para as mulheres, é ocupá-lo para torná-lo local para todas ao frequentarem bares e se deslocarem pelas ruas em grupo para aquele local. Esta ação é realizada principalmente pelas mulheres entrevistadas lésbicas e mais jovens.

Apesar de um aprisionamento comum de todas as mulheres na cidade, existem diferenças entre elas na forma de vivenciá-la. As mulheres negras são “aprisionadas” e resistem de forma diferente das brancas, assim como as lésbicas das heterossexuais, as de classe alta das mulheres pobres e as mulheres de diferentes idades. Existem diferenças que são influenciadas pelo dado corpóreo, pelos marcadores da diferença aos quais são atribuídos sentidos e hierarquização (RATTS, 2003), por exemplo, a cor da pele, a textura do cabelo, o sexo. Para Silva:

Qualquer mulher não pode ser vista constituindo apenas um gênero, mas, também, a sexualidade, a raça, a religião e a classe social. Todos esses elementos são experienciados simultaneamente

(...). É importante conceber que há pluralidades de masculinidades tanto quanto existem de feminilidades e que não se configuram como blocos homogêneos, pelo contrário, são construídos por significações repetidas na ação, e toda ação é passível de variação. (2007, p. 123)

Ornat (2005) demonstra que a vivência do espaço total da cidade é em geral, reduzida para as mulheres de baixa renda, os seus deslocamentos são menos extensos e frequentes do que os dos homens dos mesmos locais. “Os motivos dos deslocamentos estão relacionados com seu papel da maternagem e, fora deste, não há registros de deslocamentos para realizar interesses particulares.” (SILVA, 2007, p.127).

A ocupação dos espaços públicos de Goiânia, principalmente no período da noite, é vista pelas mulheres como um ato revolucionário e perigoso. Nas falas das entrevistadas, observou-se a presença do medo e a preocupação em tomar todos os cuidados necessários. A ocupação significa uma forma de transgredir o local dado a elas na cidade, em um intuito de que futuramente estes espaços pertençam também às mulheres. Aí está a importância do espaço nas ações coletivas das militantes em locais estratégicos nas cidades.

Pensar espacialmente as ações das militantes nos permite compreender como elas buscam transformar o urbano e transgredir ao que diz Bell Hooks (2009, p.143): “nas cidades as mulheres não têm território ao ar livre para ocupar. Eles devem estar infinitamente em movimento ou em locais fechados. Elas devem ter um destino. Eles não podem se demorar ou ficar.” Esta opressora lógica urbana que aprisiona as mulheres, é vista pelas feministas em Goiânia como algo a ser desconstruído. Esta preocupação faz parte das pautas estratégicas de ocupações estabelecidas pelos grupos os quais as feministas participam, assim como nas suas ações individuais cotidianas (que muitas vezes são realizadas também coletivamente), como por exemplo, nos momentos de lazer.

Hooks escreve sobre a importância de se pensar o espaço da cidade pelas feministas, para que a mulher nela tenha de fato liberdade de ir e vir:

Esquinas sempre foram espaços que pertenciam aos homens – um território patriarcal. O movimento feminista não alterou isto. Assim como não era poderoso o suficiente para ter de volta a noite e fazer o escuro um lugar seguro para que as mulheres se escondessem, passassem, e caminhassem à vontade, não foi capaz de mudar o ethos da esquina – gênero e igualdade no local de trabalho, sim, mas a esquina da rua transforma cada mulher que ousa se esconder em um corpo para vender a si mesma, um corpo procurando drogas, um corpo caindo. O feminino à espreita, persistente, descansando em um canto da rua é vista por todos, olhado, observado. Quer ela queira ou não, ela está presa para o predador, para o homem, seja ele cafetão, a polícia, ou apenas um transeunte. Nas cidades as mulheres não têm território ao ar livre para ocupar. Elas devem estar infinitamente em movimento ou em locais

fechados. Elas devem ter um destino. Eles não podem demorar-se ou ficar. (Hooks, 2009, p. 143, tradução nossa)

A autora enfatiza a rua, particularmente as esquinas, como território patriarcal mesmo face às conquistas dos movimentos feministas. Estes locais são usados em situação de transgressão e ousadia por algumas mulheres, a exemplo das prostitutas.

As mulheres feministas, a partir de seus cotidianos militantes, desestabilizam as fronteiras entre espaços público e privado e constroem novas formas de vivenciar os lugares na cidade. Elas lutam pelo fim de todas as formas de violência contra a mulher de forma cotidiana e coletiva, entre outras formas, também ocupando diversos espaços na cidade.

### **Apropriações Feministas do Espaço Urbano de Goiânia**

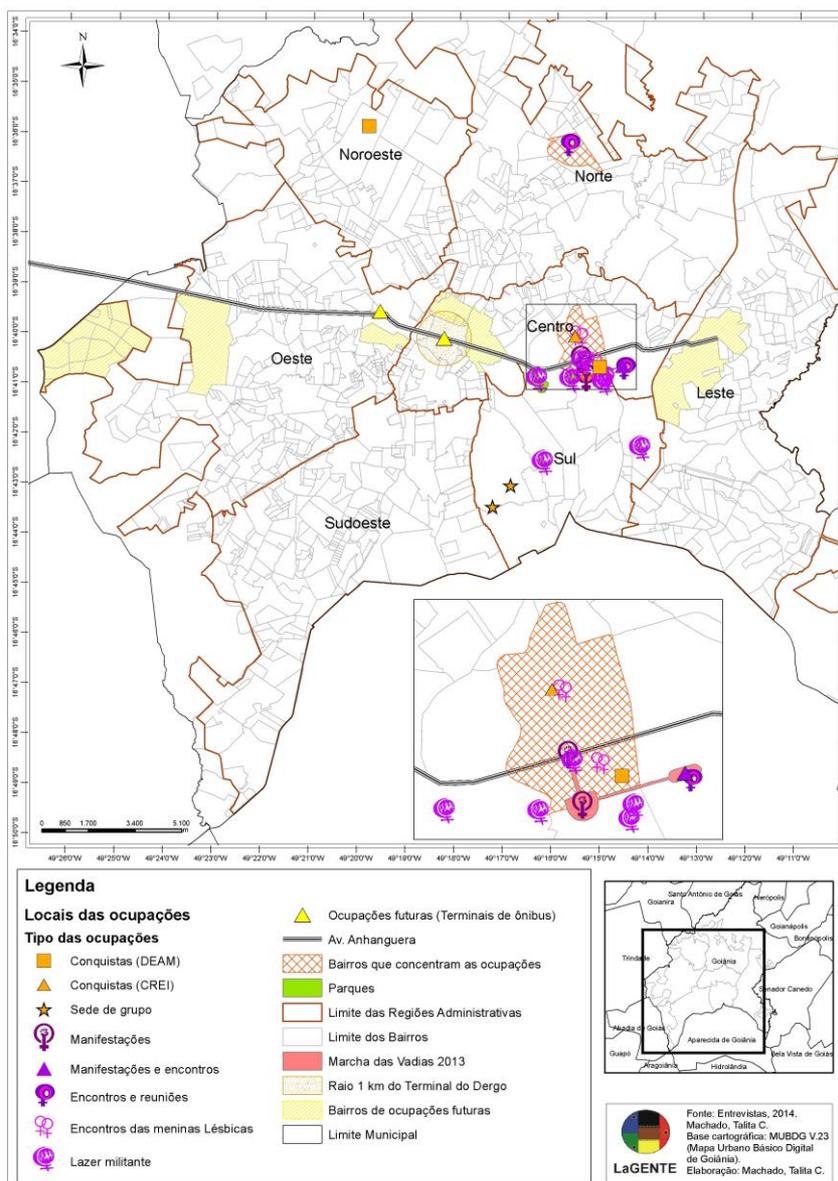
No contexto dos movimentos sociais surgidos entre os anos 1970 e 1990, pode-se dizer que os movimentos feministas em Goiás (Brasil) surgem nos anos de 1980 com a formação de entidades de mulheres em Goiânia, a exemplo do Grupo Eva de Novo (1981), Centro Popular da Mulher em Goiás (1985) e Grupo Transas do Corpo (1987), e, posteriormente, após a década de 1990, mulheres negras criam suas organizações no final dos anos 1990 e início da década de 2000: Associação Pérola Negra (1993), Malunga (1999) e Dandara no Cerrado (2002).

Os grupos dos movimentos feministas não são só complexos em suas formações, estruturas, debates, ações, mas também em suas inter-relações com outras mulheres e coletivos. Os grupos são plurais como as relações e as construções das identidades das mulheres que participam deles. Eles são agrupamentos de mulheres feministas, que com suas intersecções e diferenças identitárias se relacionam para construir a si mesmas e ações que interfiram na construção de outras mulheres e que possibilitem a luta por reconhecimento.

As formas de participações feministas das entrevistadas - que atuam também em outras redes temáticas, como principalmente na questão LGBT, racial, estudantil, sindicato - representam a grande complexidade das suas atuações no espaço urbano, assim como as suas ações.

Durante as entrevistas, foram mencionados pelas mulheres os locais na cidade que elas consideravam importantes para as lutas e visibilizações das ações. A Figura 01 representa o mapeamento desses locais.

A área central da cidade foi destacada por todas as entrevistadas. Os locais mais importantes para visibilização das lutas levantado foram: a Praça Cívica (Setor Central), a Praça Universitária (Setor Universitário) e a Praça dos Bandeirantes (Setor Central), onde historicamente, por serem de grande circulação e terem sempre a presença da mídia, concentraram as manifestações feministas.



**Figura 01.** As apropriações feministas em Goiânia-GO, Brasil (2014).  
 Fonte: Entrevistas realizadas pela autora com as mulheres feministas (2014).

A Praça Universitária abriga sociabilidades diversas de jovens e é circundada por universidades. França e Pechincha (2015), a partir do estudo sobre o local, afirmam que as sociabilidades realizadas nesse local:

(...) se formaram principalmente a partir de grupos de pessoas que frequentavam certos espaços da cidade comumente associados à cena underground, notadamente marcados pela presença de jovens, muitas/os delas/es *punks*, *rockers*, góticos, *headbangers*, entre outros sujeitos que não necessariamente se classificam unicamente a partir dessas identidades coletivas, mas que também constituíam essa cena. (142-143)

O Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, situado na Praça Universitária, foi trazido por todas as entrevistadas, como um local importante para as reuniões dos grupos que elas participam.

A Rua 8, conhecida também como Rua do Lazer, apareceu nas falas das feministas que tinham entre 48-53 anos de idade. Este local foi intensamente ocupado por elas, principalmente na década de 1980, 1990 e 2000: “E juntava todo mundo, o movimento feminista, negro e LGBTT e era aquela confusão [boa]. Então a Rua 08 é um local também que me traz boas lembranças, porque a gente fazia muitas coisas lá (...) mas acabou.” (HENRIQUETA, 2014).<sup>1</sup>

As feministas, em especial as jovens lésbicas e bissexuais, trouxeram lugares, como por exemplo, o Mercado da Rua 74 (ou Mercado Popular), o Feirão do Chope <sup>2</sup>, o Bar da Rua 18 (ou Ponto 18) e o Banana Shopping, todos na área central, como locais importantes para seus momentos de lazer e para ocupação coletiva das mulheres. São locais onde elas se sentem bem em relação às suas sexualidades e outras identidades.

Em um mapeamento de bares lésbicos realizado em 2012, por Silva e Braz (2012), foi possível localizar apenas dois estabelecimentos em funcionamento na cidade de Goiânia: Bar da Lilian (no Setor Universitário) e Bar da Help (no Setor Bueno). Os bares Sinuca do Gellin (Setor Jardim América), Assim Assado (Setor Sul), Ponto 18 (Setor Central) e Bar da Tia (Setor Universitário), não são marcados pela presença majoritária de mulheres lésbicas, apesar de serem muito frequentados por elas (SILVA, 2015).

Sobre o Mercado da (Rua) 74, construído em 1952 na região então denominada Bairro Popular e que foi incorporada ao Setor Central alguns anos mais tarde, uma das entrevistadas disse:

---

<sup>1</sup> Na pesquisa de Sousa (2005) sobre os territórios “GLBTS” de Goiânia aparece a justaposição entre permanência e transitoriedade dos espaços e sua concentração no centro expandido de Goiânia. Mesmo bares e boates que parecem ser mais permanente são fechados e até reabertos em outros lugares.

<sup>2</sup> Inicialmente chamava-se bar Joãozinho Mercês e posteriormente, reabre noutro local com outro nome e atualmente como Feira do Chope (HAMMES, 2015). É um local LGBT da cidade de frequência noturna, situado numa área periférica, que existe há mais de 10 anos (HAMMES, 2015).

A gente fez uma das festas no mercado da 74, que é um lugar conhecido pelo público gay, LGBTT e lésbicas e tal, mas nunca tinha tido uma ação. Aí a gente ocupou e colocou bandeira e faixa e porque lá a gente tinha essa discussão de mostrar que a gente está nos espaços e a gente precisa de respeito e isso é importante. (BERTHA, 2014)

O Banana Shopping, estabelecimento popular localizado no Setor Central e o Bar e Boate Feirão do Chope na Av. Anhanguera, Estação Cascavel no Setor Aeroviário, também foram trazidos como locais de construção de identidade lésbica e/ou LGBTT na região central:

(...) no Banana Shopping onde a gente se encontra e seja nos bares e boates acabam sendo lugares de construção de identidade, por exemplo, no Feirão do Chope, que tem a questão de classe e raça muito marcado porque fica barato por causa do eixo [de ônibus] acaba sendo locais importantes. (LÉLIA, 2014)

Locais apontados como importantes para ocupação, principalmente pelas militantes que tinham entre 24-32 anos, foram os parques ambientais da região central e sul da cidade, como o Bosque dos Buritis (Setor Oeste), o Parque Vaca Brava (Setor Bueno), o Parque Lagoa das Rosas (Setor Oeste) e o Parque Flamboyant (Jardim Goiás). Neles ocorrem os piqueniques e as trocas feministas. Estes são lugares com grande circulação nos finais de semana e onde vivem muitas pessoas com poder aquisitivo médio e alto.

Muitos locais foram ressignificados também para as próprias feministas depois de serem apropriados coletivamente. Locais até então não vivenciados pelas mulheres passam a ser, sempre em grupo, como percebe-se na fala de uma das entrevistadas, ao dizer sobre o parque público Lago das Rosas (localizado no Setor Oeste, região central): “(...) depois de a gente fazer piquenique e roda [de trocas] feministas no Parque Lago das Rosas, esse lugar, para mim, ganhou outro significado. Então, acho que os lugares podem ser pensados e repensados e ressignificados a partir da nossa experiência.” (DEOLINA, 2014).

Uma das feministas entre 48-53 anos de idade diz que foi devido também às manifestações das mulheres nas ruas, principalmente, a partir da década de 1960, que ocorreram várias conquistas, como as secretarias e delegacias para mulheres, a entrada maciça de diferentes mulheres nas universidades e ocupação de importantes cargos públicos e privados. Entre os anos 1960 e estes processos há um hiato particularmente no Brasil por causa da ditadura militar que corresponde ao período de reorganização do movimento de mulheres e outros movimentos sociais.

Os locais constituídos através das lutas feministas em Goiânia, também foram mencionados, principalmente pelas mulheres entre 48-53 anos de idade que participaram destas conquistas, como o Centro de Referência da Igualdade (CREI) da SEMIRA, o

### Centro de Valorização da Mulher – CEVAM<sup>3</sup> e as Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAM).

As sedes do grupo de mulheres negras Malunga e Dandaras do Cerrado, foram trazidas pelas entrevistadas como locais de referências feminista nos bairros onde se localizavam. As antigas sedes do grupo Transas do Corpo<sup>4</sup> também foram lembradas pelas mulheres. Outros locais mencionados pelas feministas, mas não mapeados, foram as casas das militantes, vistos como locais importantes para reuniões e encontros.

Na região norte da cidade, o local dito como essencial para as reuniões e encontros de alguns grupos feministas foi o Campus 2 da Universidade Federal de Goiás.

Nas entrevistas, o Terminal Dergo (Bairro dos Aeroviários e Bairro Rodoviário) foi trazido como local importante para as futuras atuações dos movimentos feministas. Em uma tentativa de expandir os locais de manifestações para além do setores Central e Universitário, o Terminal e a área ao seu redor foram trazidos como lugares “problemáticos” no que diz respeito às questões de gênero e sexualidade e necessitavam de uma importante atuação do movimento. Como observa-se na fala a seguir:

A gente teve um problema recentemente com as profissionais do sexo e comerciantes daquele pedaço lá. E a gente teve que fazer uma intervenção, porque a polícia chegou no quebra-quebra, Digo assim, o movimento de mulheres e direitos humanos, em prol de acudi as prostitutas e travestis que estavam trabalhando. Nada mais do que isso, mas aí vinham outras questões envolvendo a construção de um shopping e isso agora no início do ano em janeiro. Teve quebra-quebra e derrubaram coisas e bateram em gente e em mulher grávida. (...) Tem depoimentos, mas a gente conseguiu mudar a comandante, tirar a comandante daquela região. A gente conseguiu afastar e botar uma pessoa mais sensível (...). Enfim, foi de janeiro até o meio do ano em junho, inclusive vai ter reunião do grupo de trabalho lá. O GT Dergo. A gente criou o grupo de trabalho. (...) O Cevam participa. A gente criou nesse processo, a Associação das Mulheres Trabalhadoras do Sexo naquela região. (HENRIQUETA, 2014)

A periferização dos movimentos feministas foi trazida com mais ênfase por algumas mulheres do que por outras. E está sendo pensada como um dos objetivos das ocupações futuras. Para todas as entrevistadas, as conquistas devem avançar para a periferia de Goiânia. Apesar da violência contra as mulheres estar em todos os lugares, elas acreditam que os movimentos feministas devem priorizar agora as moradoras da

---

<sup>3</sup> Mesmo que o CEVAM em Goiânia não obedeça às normativas de uma casa abrigo - de não poder divulgar o seu endereço por uma questão de segurança de quem abriga - preferiu-se aqui não mapeá-lo.

<sup>4</sup> Primeiro, a sede era na Avenida Anhanguera (Setor Central), depois foi para a Rua 08 (Setor Central), em seguida para a Rua 137 (Setor Marista), para o bairro Parque Amazônia e por último, para o bairro Vila Nova. Em 2014 o grupo estava sem sede e os encontros eram realizados nas casas das integrantes.

periferia. A feminista Bertha problematiza a nova estratégia de grupos dos movimentos feministas em pensar localmente as ações e manifestações, assim como novas escolhas de lugares para reuniões dos grupos:

Tem foco no Dergo de prostituição, de tráfico (...). Daí descobriu a morte de mulheres, tem a morte das travestis, espancamento, etc., mas como a gente sabe disso, mais ou menos, as meninas acham que é mais a região do Dergo e que tem lugares que não entra, por exemplo, aquelas periferias todas porque elas não moram, elas não conhecem e por isso não tem as ações. Aí elas não veem isso em outros estados e eu acho que é a mesma coisa. (...). Tem algumas meninas que eu conheço que são do nordeste, aí elas falam que as reuniões lá também são assim como as nossas, são feitas perto da universidade ou nos centros onde elas consideram neutros de perigos. Só que elas moram a três horas ou quatro horas dos lugares como eu moro. Aí é difícil fazer reuniões nesses lugares para elas, é difícil o acesso. Então, falta a gente escolher um lugar neutro e seguro, mas aí não dá para todo mundo e agora que a gente está começando a falar sobre isso. Mas assim a gente está tentando mudar, tanto elas lá estão fazendo essa discussão, como a gente aqui. (BERTHA, 2014)

Os bairros mais periféricos nas regiões Oeste, Leste e Central, como Jardim do Cerrado 1 ao 11, Residencial Mundo Novo 1 ao 3, Conjunto Vera Cruz, Setor São José, Vila São José Extensão, Conjunto Padre Pelágio, Setor Campinas, Bairro São Francisco e Jardim Novo Mundo e o Terminal Padre Pelágio (Bairro Ipiranga e Bairro Capuava), destacados na Figura 1, foram mencionados pelas mulheres como estratégicos para ocupações futuras dos movimentos feministas. Nestes bairros a população é majoritariamente negra e possui rendimentos baixos (Censo 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Estes bairros foram trazidos pelas militantes que moram, trabalham ou passam/transitam diariamente neles.

Após as entrevistas, ocorreu no dia 20 de dezembro de 2014, a terceira Marcha das Vadias, chamada nesse ano de Marcha das Libertas (após vários debates, as organizadoras decidiram trazer para a marcha a discussão da questão racial) em Goiânia e pela primeira vez o local escolhido para a concentração foi o Terminal Dergo. Isso demonstra o processo que passam os movimentos feministas da cidade, em pensar espacialmente e estrategicamente outros locais para as ações e conquistas do espaço urbano.

### **Considerações Finais**

A relativa ausência da questão de gênero nos estudos sobre o Espaço Urbano na Geografia reflete o não-aparecimento de discussões sobre as mulheres na construção dos conceitos, como de Planejamento e nas práticas das Políticas Públicas Urbanas e invisibiliza as lutas históricas das mulheres na escala da cidade.

Os processos de planejamento das cidades localizam as mulheres na margem de sua configuração (ROSE, 1993). A rua é um exemplo de espaço público que nunca foi pensado em Goiânia, ou de nenhuma outra cidade planejada brasileira, para permitir o acesso específico ou diferenciado para as mulheres. O medo sentido por elas ao se deslocarem pelas ruas é um dos fatores que limita a sua mobilidade no espaço urbano.

Pensar espacialmente as lutas, ações e conquistas dos movimentos feministas e de mulheres na cidade é importante tanto para os estudos da Geografia sobre espaço urbano, como para os próprios movimentos sociais. Se por um lado, as formas de reflexões espaciais a partir das atuações das mulheres trazem novos entendimentos sobre a cidade, de outro, pensar o espaço pode representar para estas mulheres, novas estratégias de atuação na cidade.

Esse artigo possibilitou concluir que as feministas e os movimentos de mulheres e feministas estão presentes e atuando no espaço urbano de Goiânia desde a década de 1980 (comprovamos isso levantando as atuações já realizadas pelas entrevistadas, com diferentes idades, e de seus grupos). Portanto, a justificativa para a ausência nos estudos de Geografia das lutas dessas mulheres e seus grupos na escala da cidade não corresponde a inexistência das atuações dessas mulheres nesse espaço.

As apropriações feministas nos lugares acontecem a partir da vivência entre as mulheres, onde elas se constroem como feministas e constroem, ao mesmo tempo, os feminismos. Em meio a uma série de limitações, em uma relação com e entre os lugares da cidade, as mulheres os criam e recriam.

Ao cartografar os locais onde ocorrem as apropriações, não se quer dizer que as(os) sujeitas(os) percorrem ou estão no espaço, mas sim que elas(es) tornam-se componentes dos lugares. E esse movimento os transformam.

As mulheres não só constroem o espaço urbano através de suas presenças nos lugares, mas elas se apropriam deles, para então construir as suas identidades e assim, tornarem-se constituintes daquele lugar. Elas se apropriam do espaço a partir de suas ações de reconhecimento nele.

## Referências Bibliográficas

BERTHA. *Entrevista concedida a Talita Cabral Machado*. Goiânia, setembro de 2014.

BONDI, L. Gender symbols and urban landscapes. *Journal Title: Progress in Human Geography*, vol. 16(2), p. 157-170. 1992.

CALIÓ, S. A. *Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana*, 1991. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP, 1991.

CALIÓ, S. A. Incorporando a Questão de Gênero nos Estudos e no Planejamento Urbano. In: *Anais... 6º ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA*, 1997.

<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/737.pdf>> Acesso em 20 de mai de 2016.

DEOLINA. *Entrevista concedida a Talita Cabral Machado*. Goiânia, setembro de 2014.

FRANÇA M., PECHINCHA, M. T. S. Entre lazer, sociabilidades e insegurança: interpretações sobre a Praça Universitária, em Goiânia/GO. *Revista Iluminuras*. Porto Alegre, v. 16, n. 37, p.137-155, jan/jun. 2015.

HAMMES, B. S. *No Feirão do Chope: Um estudo antropológico sobre intersecções entre marcadores sociais da diferença em um bar na região periférica de Goiânia*, 2015.

Dissertação (mestrado em Antropologia Social) - PPGAS/UFG, Goiânia – GO, 2015.

HENRIQUETA. *Entrevista concedida a Talita Cabral Machado*. Goiânia, novembro de 2014.

HOOKS, B. A place where the soul can rest. In: HOOKS, B. *Belonging: a Culture of Place*. New York/London, Routledge, p. 143-152, 2009.

LÉLIA. *Entrevista concedida a Talita Cabral Machado*. Goiânia, novembro de 2014.

MACHADO, T. C. *A cidade das mulheres feministas* [manuscrito]: Uma cartografia de Goiânia em perspectiva interseccional e da diferença. 2016. 231 f. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

ORNAT, M. J. *Pobreza, gênero e deslocamentos espaciais intra-urbanos em Ponta Grossa – PR*. Relatório Final de Iniciação Científica. UEPG, Ponta Grossa, 2005.

ORNAT, M. J. *Território Descontínuo e Multiterritorialidade na Prostituição Travesti no sul do Brasil*, 2009. Projeto de Tese de Doutorado proposto ao Programa de Pós-graduação em Geografia, Área de Concentração: Organização e Gestão do Território, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.gete.net.br/joomla/attachments/article/77/Projeto%20de%20TESE.pdf>>. Acesso em 01 de jun de 2016.

PORTOGONÇALVES, C. W. A. Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. *Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas – MS*, V 1 – n.º 3 – ano 3, maio de 2006. Disponível em:

<<http://www.cptl.ufms.br/revistageo/carloswalter.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS A. J. P. A geografia entre as aldeias e os quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: RATTS, Maria Geralda de Almeida e Alecsandro JP. (Orgs.). *Geografia: Leituras Culturais*. Goiânia, v. 1, p. 29-48, 2003.

ROSE, G. *Feminism and Geography: The Limits of Geographical Knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

SACK, R. *Human territoriality: it's theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANCHEZ LEYVA, M. J. *Perdidas en el espacio. Formas de ocupar, recorrer y representar los lugares*. Hurga y Pierro edotores, España, 1999.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. *Geosul*, Florianópolis, v. 22, n. 44, p 117-134, jul./dez. 2007.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Luta e Resistência das Geografias das Sexualidades no Brasil: Uma entrevista com Miguel Ângelo Ribeiro. *Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 271 -280, ago. / dez. 2015.

SILVA, T. de M. G. "*Você tem que ficar manobrando as coisas*": *lesbianidades, violências cotidianas e possibilidades de resistência*", 2015. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) PPGAS/UFG, Goiânia – GO, 2015.

SILVA, T. de M. G.; BRAZ, C. "Entre Mulheres um estudo antropológico sobre o mercado lésbico em Goiânia". In: IX CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO, 2012, Goiânia. *Anais... IX Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão*, 2012.

SOUSA, A. M. de S. *O espaço que ousa dizer seu nome: territórios GLTBS de Goiânia*, 2005. Dissertação (mestrado em Geografia) IESA/UFG, Goiânia – GO, 2005.

TUAN, Y. *Topofília*. São Paulo: Difel, 1980.

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. In: *Environment and Planning D: Society and Space*. London, v. 11, n. 4, p. 395-413, 1993.

---

**Talita Cabral Machado**

Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é geógrafa na Diretoria de Informações Urbanas e Geoprocessamento da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano de Goiânia.

Quadra 22, Lote 49, Setor Leste, Gama-DF. CEP: 72460-00220

E-mail: talita.geo@gmail.com

---

Recebido para publicação em outubro de 2016  
Aprovado para publicação em novembro de 2017